

**Sociedade de marcação:
Corpo, conhecimento e experiência na infância
Capuxu**

Society of marking:
Body, knowledge and experience in the Capuxu childhood

Emilene Leite Sousa¹

Resumo: Neste artigo busco analisar o conhecimento e os processos nativos de aprendizagem na infância Capuxu que contribuem para produzir o corpo e a pessoa. O povo Capuxu é um grupo camponês endogâmico do sertão da Paraíba. A aprendizagem Capuxu está fortemente associada à aprendizagem para o trabalho, seja ele no roçado ou no âmbito da casa, afora a aprendizagem escolar. Neste sentido o corpo da criança é produzido *pelo* e *para* o trabalho e os modos de conhecer passam inevitavelmente pelos sentidos e pela experiência. Logo, conhecer é saber-fazer e do saber-fazer camponês dependem o *ethos* e a identidade Capuxu. Assim, o conhecimento é adquirido através da experiência e esta é vivenciada pelo corpo, transformando a comunidade Capuxu numa sociedade de marcação (Clastres, 2003) uma vez que a condição camponesa se inscreve no corpo através de processos próprios de aprendizagem e trabalho. Com base nisso é que compus uma etnografia da construção do conhecimento por meio do corpo e da experiência com o trabalho na infância entre o povo Capuxu, para quem o corpo é o lugar onde o saber torna-se um fazer.

Palavras-chave: conhecimento; corpo; pessoa; experiência; trabalho.

Abstract: In this article, I analyze the indigenous knowledge and learning process in the Capuxu's childhood, which contribute to produce the body and the person. The Capuxu people is an endogamous peasant group from

¹ Doutora em Antropologia Social/UFSC. Professora Adjunta da UFMA. E-mail: emilenesousa@yahoo.com.br

Sociedade de marcação: corpo, conhecimento e experiência na infância Capuxu

the backlands of Paraíba State. The Capuxu education is strongly associated with the learning to work, either in farming or housework, apart from the school learning. In this sense, the child's body is produced *by* and *for* work and the ways of learning inevitably include the senses and the experience. In this case, knowing is know-how and the Capuxu identity and *ethos* depend on the peasant know-how. Thus, knowledge is acquired through body experience, making the Capuxu community a society of marking (Clastres, 2003) since the peasant condition is inscribed on the body through particular processes of learning and work. With this base, I wrote an ethnography of the knowledge construction through the body and the working experience in the childhood among the Capuxu people, for whom the body is the place where knowledge becomes a doing.

Keywords: knowledge; body; person; experience; work.

Apresentação

Neste artigo busco analisar o conhecimento e os processos nativos de aprendizagem na infância Capuxu que contribuem para produzir o corpo e a pessoa. Conforme tenho demonstrado em outras oportunidades (Sousa, 2014) a aprendizagem Capuxu está fortemente associada à aprendizagem para o trabalho, seja ele no roçado ou no âmbito da casa, afora a aprendizagem escolar. Aqui, me deterei à aprendizagem não-escolar com o intuito de demonstrar como a construção do conhecimento, em seus processos de aprendizagem, é fundamental para a produção do corpo e da pessoa Capuxu.

O povo Capuxu habita o Sítio Santana-Queimadas, no sertão da Paraíba, Nordeste do Brasil. Este povo constitui um grupo cuja diferenciação está marcada através da produção de fronteiras e de um sentimento de pertença ao grupo. As fronteiras que estabelecem a diferenciação entre os Capuxu e os *outsiders*², são nitidamente percebidas,

² Inspirada em Norbert Elias (2000) chamo de *outsiders* aqueles povos que habitam os sítios vizinhos que fazem fronteira com o Sítio Santana-Queimadas, os moradores da cidade de Santa Terezinha, de Patos, e enfim, todos aqueles que convivem ou estabelecem relações cotidianas ou extraordinárias com o povo Capuxu e que não são Capuxu.

tanto quanto o forte sentimento de pertença que envolve o grupo, tendo sido a isso que me dediquei na pesquisa, além dos chamados sinais diacríticos, sendo estes: a aparência comum aos quase 200 membros do grupo; o sotaque diferenciado; o sistema de parentesco endogâmico com união preferencial entre primos; o etnônimo e a contigüidade territorial (Sousa, 2014).

Sobre a história do povo Capuxu sabe-se que o primeiro habitante do local teria sido um baiano cujo nome era Agostinho Nunes da Costa. Esta informação justificaria o sotaque do povo caracterizado pela lentidão com que pronuncia as palavras. Quanto ao etnônimo Capuxu este lhes fora dado por conta de um de seus antecessores que se chamava João e tinha como hábito a caça de abelhas, dentre as quais havia destaque para a espécie Capuxu, de modo que o apelido João Capuxu lhe foi concedido pelo povo das redondezas e repassado de geração a geração tornando-se etnônimo do povo.

A comunidade Capuxu vive basicamente da agricultura de subsistência. Algumas outras ocupações, rurais ou não, aparecem esporadicamente para estes agricultores, sendo o cultivo do milho, feijão, legumes e frutas diversas, o que garante a sobrevivência de toda a comunidade. Atualmente a renda familiar da maioria das casas é complementada pelas políticas públicas de transferência de renda, como o Programa Bolsa Família, e pelas aposentadorias de idosos, por invalidez, especialmente por conta dos casos de esclerose múltipla do local.

Nenhuma criança Capuxu em idade escolar está fora de sala de aula, seja na Escola Porfírio Higino da Costa, localizada no próprio Sítio, seja nas escolas da cidade mais próxima para onde vão as crianças a partir do sexto ano.

Conhecer é saber-fazer: o conhecimento adquirido através da experiência

O povo pensa que ser inteligente é só usar a cabeça, mas não, é usar o corpo também.

(Chico Miguel - Capuxu)

Fim de tarde. Todas as crianças reunidas na casa de Chico Miguel. A varanda da casa do avô sempre acolhe todos para os momentos de lazer. Sejam os

homens para os jogos de cartas, as mulheres para as conversas e as crianças para as brincadeiras. Em se tratando de uma segunda-feira qualquer, reuniram-se apenas as crianças para brincar no pôr-do-sol, enquanto suas mães voltavam da feira na cidade de Patos que ocorre sempre às segundas. A brincadeira corria alegre e liberta. Eron e Ítalo que haviam ficado sozinhos em casa trouxeram consigo as chaves da casa, que estavam nas mãos de Ítalo, enquanto sua mãe Izabel chegava da cidade. Sem o olhar atento dos adultos, eu sendo a única exceção, brincavam livremente no anoitecer. A certa altura Ítalo, à época com cinco anos, foi apelidado por um de seus colegas de brincadeiras: Puca. Enfurecido, Ítalo abaixou-se, pegou uma pedra, mirou em direção ao adversário e... atirou as chaves! A confusão estava feita. Com a pedra na outra mão, Ítalo observou atônito que havia jogado as chaves de casa, com toda sua força, num matagal escuro, de onde correria seu adversário sem ser atingido. As crianças mobilizaram-se em procurar as chaves, por toda parte crianças engatinhavam, colocavam-se de cócoras, passavam a mão na relva e nada das chaves aparecerem. Eu mesma dediquei-me a busca, mas era como procurar uma agulha no palheiro. Atentando para o silêncio que as crianças faziam, sem gritos estridentes e gargalhadas ou insultos típicos das brincadeiras os adultos começaram a se aproximar para saber o que procurávamos. Em pouco tempo éramos um grande grupo, com isqueiros, lanternas e celulares em buscas das chaves. As crianças estavam apreensivas, pois temiam que Izabel chegasse com a feira e não pudesse entrar em casa. Depois de um tempo, Eron, com onze anos, irmão mais velhos de Ítalo, teve a ideia que os salvaria. Aliás, a nós todos daquela busca incessante. Mandou que seu irmão mais novo

se posicionasse no mesmo lugar de onde atirara as chaves. Colocou a mesma pedra em sua mão direita que havia sido usada para lançar, por engano, as chaves, e pediu que jogasse “do mesmo jeito, com a mesma força, no mesmo lugar”. Ítalo se concentrou e lá foi a pedra voando, enquanto assistíamos atentos a cena. Rapidamente Eron caminhou até o lugar onde a pedra caíra, passou os pés na relva e abaixou-se trazendo consigo um sorriso e as chaves de casa na mão. Eron, aquele menino de onze anos, traduzia para mim aquela que seria a lição dos Capuxu sobre o conhecimento, a capacidade de descobrir e saber: tudo passa pelo corpo, em sua força, em sua habilidade, em suas capacidades. Tudo emana do corpo, até mesmo a inteligência.

O corpo é a condição primeira para a existência humana. Assim podemos refletir sobre o corpo como a base sobre a qual tudo se constrói: as pessoas enquanto totalidade e as sociedades que elas habitam.

O corpo Capuxu é cuidado antes mesmo de nascer, mas desde o momento da descoberta da gravidez. Aliás, arriscaríamos dizer que mesmo antes disso, afinal é possível tratar das mulheres que tem dificuldade para engravidar com chás, e outras especiarias advindas da natureza, para que se tornem férteis e possam engravidar.

Prepara-se o corpo da futura mãe para que possa gerar um novo corpo. Assim que se descobre grávida a mãe está sujeita a inúmeras prescrições e proibições. Há de se ter muito cuidado para que nada de mal ocorra a mãe e ao bebê, para que a criança nasça saudável e a mãe assim permaneça. Tudo isso requer uma série de conhecimentos advindos das benzedadeiras, parteiras, e de toda a comunidade. Na comunidade Capuxu todos os adultos tem vasto conhecimento e “experiência de vida”, como o dizem, e todos podem compartilhá-la como bem entendam.

Uma vez nascida, a criança passará a ser objeto de várias interdições, há dietas específicas, cuidados prescritos com o corpo, condutas proibidas. Há um conjunto de crenças que circunscreve os primeiros dias da criança e da mãe, regulando seus comportamentos. Aqui gostaria de tratar dos conhecimentos adquiridos pela criança através do corpo.

Sociedade de marcação: corpo, conhecimento e experiência na infância Capuxu

Estes conhecimentos são vastos e dizem respeito a todas as dimensões da vida Capuxu. Isto porque nesta comunidade todos os conhecimentos são adquiridos pela experiência, pelo saber-fazer. Por isso digo que o conhecimento Capuxu é quase sempre corpóreo e que as pedagogias nativas se embasam no conhecer através do corpo. O povo Capuxu não acredita que algo possa ser realmente conhecido ou que qualquer conhecimento possa ser adquirido, se não através do corpo ou da aprendizagem sensorial.

Logo, pretendo destacar a importância destas experiências na infância para a produção do corpo e da pessoa Capuxu. Por isso analiso o conhecimento sobre a natureza e mais especificamente, das ações sobre ela através do trabalho – como aquele que produz o corpo da criança e da pessoa Capuxu - atentando para os saberes nativos.

Para os Capuxu saber algo é ser capaz de manifestar uma experiência, uma tarefa ou atividade com desenvoltura. Tudo o que se sabe se pode demonstrar ou comprovar através de técnicas corporais. Por isso, sempre que a criança afirma saber algo ela é desafiada a fazê-lo para se ter certeza de que é capaz de manusear o seu corpo com destreza numa comunidade onde é fundamental a prática e o desempenho bem-sucedidos de um controle internalizado e até inconsciente dos sujeitos sobre o corpo e suas funções, como o disse Norbert Elias (1994).

Deste modo, se aprende com o corpo, o corpo é o caminho capaz de conduzir ao conhecimento através da experiência. Para os Capuxu é inútil tentar transmitir algo através do conhecimento oral, teórico, especialmente se a criança vai aprender sobre ele através do corpo.

Poucas coisas que, sendo sabidas, não precisem ser operacionalizadas através de grandes esforços corporais, são importantes entre os Capuxu. As crianças demonstram quando pequeninas que conseguem pronunciar uma palavra, cantarolar a canção da escola. São desafiadas a pronunciar o *r* corretamente, ou palavras consideradas mais complicadas. Que são capazes de uma contagem numérica sem confundir os números. Mas mesmo a fala também é corporal.

Depois destas pequenas aprendizagens, é possível desafiar a criança a demonstrar que sabe varrer a casa, lavar a louça, reconhecer os instrumentos de trabalho, ir dar um recado na casa de alguém sozinha, entrar no curral, alimentar animais, e daí por diante. Assim, as atividades das crianças só aumentam com o passar do tempo comprovando suas

capacidades de aprender/fazer, seus conhecimentos. Conhecer é saber fazer algo.

Logo, nas sociedades camponesas, aprender para as crianças é igual a saber-fazer, assim como para os adultos ou irmãos mais velhos, que lhes servem de referência. Por isso, numa comunidade onde se aprende fazendo/observando/experimentando a melhor maneira de se demonstrar que sabe algo é realizando algo. Para isso o corpo é fundamental, daí a importância de ter um corpo preparado para saber-fazer. A única maneira de garantir que algo seja aprendido é sendo capaz de realizá-lo através do corpo. Não existe, pois, partes do corpo cujos cuidados sejam exagerados ou maiores para que se garanta a aprendizagem, todo o corpo é, ele mesmo, objeto de conhecimento e instrumento dele. Isto porque é preciso ensinar o corpo a conhecer, experimentar. Ao mesmo tempo em que o corpo media o conhecimento, é manipulado para que se aprenda algo, ele é algo a que se deve conhecer. Conhecer o corpo é fundamental para que se possa manipulá-lo, logo, constitui-se o corpo em objeto e instrumento de conhecimento.

Por isso o corpo da criança é submetido permanentemente ao escrutínio. Investigado, moldado, formatado para o *know-how* Capuxu. Monitoram-se as unhas dos pés e das mãos, as habilidades destas para segurar os animais sem machucá-los ou as mudas de plantas. As habilidades dos pés para se livrar de espinhos e urtigas, mas também para evitar pisar o feijão ou alguma outra planta rasteira.

Monitoram-se a força que tem seus membros, para permanecer de pé sobre a porteira, para investir em longas caminhadas, para montar o bezerro, o bode, ou garrote e ser capaz de dominá-lo à rédea, para ser capaz de segurar o barrão (porco) furioso pela cordinha.

Todo o corpo da criança Capuxu é fabricado. É preciso força, agilidade, habilidade e mais uma série de atributos necessários para a vida no sertão. Dentre elas a coragem. Produzir um corpo corajoso é fundamental. Coragem no sentido de não-preguiça, pois não se pode deixar enfadar, e tornar-se lânguido o corpo do sertanejo, sempre disposto a lutar contra as intempéries; mas também coragem no sentido de bravura, do não-medo de enfrentar animais peçonhentos, não-domesticados, a seca, o redemoinho, os castigos de Deus e a fúria da natureza. A coragem é fundamental para o povo Capuxu em seu duplo sentido, atributo imprescindível para se viver no sertão.

Sociedade de marcação: corpo, conhecimento e experiência na infância Capuxu

Vinculada à coragem está a representação do corpo forte. É preciso ter um corpo forte para a vida camponesa, em seus trabalhos, suas lutas, sua relação com os animais e com a terra. Há, então, uma analogia entre o corpo e a terra. Para os Capuxu a terra é boa porque é forte, o Sítio Santana-Queimadas é um lugar de terra fértil e forte. A única maneira de aproveitá-la é possuindo um corpo que seja tão forte quanto ela. Faz-se necessário ter um corpo forte, a força que vem dos alimentos, que vem da terra, atravessa o corpo e nele se instaura, se transformando em energia para lidar mais uma vez com a terra e dela retirar os alimentos. Assim é que para o povo Capuxu a terra e o corpo estão vinculados através dos alimentos que traz a força da terra e a instaura no corpo, e do trabalho que nela se desenvolve e a transforma para produzir mais alimentos. Força e coragem são importantes atributos do corpo e da pessoa Capuxu.

Embora o corpo da criança seja produzido tão logo ela nasça, certamente, este só estará pronto para certos desafios ou realizações quando adentrar a vida adulta. O que se espera da infância é que tenha início o processo e que ele decorra normalmente. O corpo é permanentemente objeto de intervenção e instrumento de construção da pessoa Capuxu, mas este processo é mais forte na infância.

Para os Capuxu, o que se aprende além de estar gravado no corpo, está na cabeça. Por isso as pessoas têm “cabeças boas” ou “cabeças fracas”. As “cabeças boas” são aquelas que conseguem lembrar, mesmo depois de longa data, como se faz algo, ou contar uma história que presenciou ou lhe foi narrada. Mas são também aquelas que demonstram ter facilidade para aprender algo. É comum ouvirmos expressões como “fulano tem a cabeça boa”, cicrano tem “cabeça fraca”. Obviamente, esta classificação está também ancorada na memória. A “cabeça fraca” é aquela cujos acontecimentos, datas ou nomes lhe escapam, além de revelar certa dificuldade em aprender. A cabeça pode ser boa ou fraca por hereditariedade, se pais ou avós eram assim, ou por causa da idade.

Segundo os Capuxu as crianças ao nascerem não tem “cabeça boa”, mas com o passar do tempo apresentam uma “cabeça boa”, com facilidade de aprender algo, isso apenas melhora na vida adulta, mas na velhice a cabeça volta a ficar fraca como quando se era criança. Por isso comportamentos de idosos são insistentemente comparados aos comportamentos infantis.

Mas, se por um lado o que se aprende através de histórias ou apenas vendo alguém fazer permanece na cabeça; por outro lado, o que se aprende fazendo permanece inscrito no corpo. O corpo não esquece. Isso se diz sobre andar de bicicleta, nadar, andar a cavalo e sobre o trabalho na roça ou doméstico. Toda atividade cuja aprendizagem tenha se dado pelo e sobre o corpo não pode ser esquecida. O corpo, como a cabeça, também tem uma memória, o que nele se fixa não se pode perder.

Por isso, os mais importantes aprendizados, como o do trabalho, são dados pela realização deles mesmos, pelo uso do corpo, pelo sensorial e pela experiência. A aprendizagem escolar é de grande valor para os Capuxu, especialmente nesta comunidade onde os jovens ascendem cada vez mais à universidade pública em cursos de grande prestígio e ampla concorrência. Todavia, a noção de infância que se tem entre este povo é aquela de que se deve e se pode aprender de tudo, ser alfabetizado e tentar outra profissão caso isso seja do agrado dos jovens, mas sem nunca abandonar o saber-fazer camponês.

Isto porque do saber-fazer camponês depende a sobrevivência do *ethos* Capuxu e da identidade deste povo. Também esta identidade, ancorada na terra e no *ethos* camponês, precisa sobreviver para a garantia da perpetuação da comunidade. Assim, ainda que optem por outras profissões, os mais velhos acreditam que não se deve desperdiçar o conhecimento sobre a terra e o trabalho nela, porque, em último caso, disso pode depender a sobrevivência de um indivíduo, de uma família ou da comunidade³.

Assim é que no caso do povo Capuxu há não apenas o conhecimento transmitido através da oralidade, mas também o conhecimento obtido através do corpo. Esta incorporação do conhecimento não exclui ou substitui a transmissão oral, os dois tipos coexistem, mas eu arrisco afirmar que o conhecimento sensorial, obtido através das mais diversas experiências corpóreas, se sobrepõe ao conhecimento adquirido via oralidade.

³ Sobre a transmissão de saberes, segundo os autores Woortmann e Woortmann (1997), repassar o saber no campesinato é tão central para a condição de pai como transmitir a terra. Transmitir o saber é também transmitir valores, a construção de papéis sociais e hierarquia, pois este saber é um saber-fazer e está subordinado ao chefe de família, governador do trabalho e assim governador desse fazer-aprender.

Sociedade de marcação: corpo, conhecimento e experiência na infância Capuxu

Para além da cabeça e do corpo, o ambiente é fundamental na construção do conhecimento Capuxu. Afinal, todo conhecimento e toda aprendizagem é contextual. Ela repousa no ambiente que os cerca, seja do roçado, da casa e seus arredores, dos açudes e rios, da mata e dos currais. Sem a contextualização todo conhecimento perderia a razão de ser, por isso, o conhecimento Capuxu é marcado pela cabeça, corpo e ambiente.

Não apenas o conhecimento Capuxu, o trabalho ou a aprendizagem são contextuais. Há que se dizer de uma postura corporal que, embora não seja objeto de um treinamento específico, de que se fale ou se dedique abertamente, está evidente ao olhar atento do pesquisador.

O modo de encostar-se na parede com um dos pés a apoiar-se; de acocorar-se para um dedo de prosa, mantendo-se por longo período na ponta dos pés; de encostar-se à porteira; de sentar no paredão alto da casa em sua entrada ou seus fundos; de sentar e deitar na rede; de deitar-se no chão; de acenar aos conhecidos na estrada; de arrumar o chapéu sobre a cabeça; de pender-se de lado sobre o cavalo apoiando-se sobre a própria perna para prostrar-se com um conhecido que se encontrou na estrada; de secar o suor da testa; de sentar-se na calçada; de olhar para trás quando se caminha na estrada; de sentar-se sobre a porteira alta; de preparar com delicadeza o cigarro de fumo; quase todas estas posturas são comuns a adultos e crianças, talvez com exceção da última, e, acredito eu estarem fundamentadas numa aprendizagem que é contextual.

Agora, para uma melhor compreensão do conhecimento Capuxu adquirido através da experiência sensorial ou de sua in(corpo)ração passemos a uma rápida abordagem teórica sobre conhecimentos nativos.

Breve incursão teórica sobre a construção do conhecimento

Mauss (1969) é um dos autores que trata do reconhecimento de formas não orais de transmissão de saberes. Segundo este autor, o entendimento que, no geral, se atribui às “tradições” é embasado, de modo inconsciente, em formas de transmissões de saberes orais e escritas. Porém há muitos outros aspectos da tradição que não se restringem a estas formas de ensino e aprendizagem, sendo transmitidas de outras maneiras que também se cristalizam, é o caso das técnicas corporais.

Como Mauss, Cohen (2010) reafirma a importância central da experiência corpórea no conhecimento humano. Conforme a autora análises etnográficas convincentes demonstram a centralidade dos estados

corporais na construção do conhecimento. Ora, mas como fatores corporais influenciam a tomada de tais conhecimentos?

Segundo Cohen (2010) o conhecimento implica a encenação de situações que levaram a sua codificação. A construção das informações básicas referentes a objetos do cotidiano implica simulação da situação de *estar lá*. Cohen destaca: “se quisermos não só descrever e interpretar, mas explicar como o corpo está implicado nas aquisições de conhecimento, os conceitos problematizados devem ser complementados com os conceitos operacionalizados” (Cohen, 2010, p. 196). A partir disso é que Cohen passa a tratar o *conhecimento incorporado* na transmissão cultural.

Cohen (2010) alega que a transmissão cultural é fortemente influenciada pelo contexto físico em que ocorre, o que ela nomeará como *cognição aterrada*. Segundo a autora o que sabemos depende do cérebro, corpo e ambiente em que a transmissão ocorre, sendo estes três elementos que comporiam a trilogia do conhecimento. Cada vez mais processos cognitivos como percepção, concepção, atenção, memória e motivação apresentam-se como baseados em seus contextos físicos.

Também se destacam como importantes referências os estudos sobre teorias nativas do conhecimento de Barth (1975; 1987; 1995; 2000). Este autor critica a ideia de cultura como um todo integrado e partilhado localmente e propõe a consideração do “conhecimento como uma importante modalidade da cultura”, entendendo-o como uma ferramenta que “as pessoas empregam para interpretar e agir sobre o mundo: sentimentos bem como pensamentos, condutas incorporadas bem como taxonomias e outros modelos verbais” (Barth, 1995). Barth propõe que se pense cuidadosamente sobre como diferentes tipos de conhecimentos são constituídos, produzidos e utilizados.

Barth (1995) defende uma perspectiva que considera o conhecimento como uma das principais modalidades de cultura e a cultura como conhecimento, já que as pessoas se comprometem com o mundo através da ação. A antropologia se dedica desde sempre a decodificar representações e ações, o que este autor defende é que o que está por trás destas ações e representações são processos de conhecimento. Para Barth o conhecimento oferece a matéria-prima para a reflexão e ação dos indivíduos. Conforme este autor, atentando para isso poderemos nos envolver em campo com as ideias de um povo, não como mero exemplo de cultura, mas com a sua aprendizagem para a vida.

Sociedade de marcação: corpo, conhecimento e experiência na infância Capuxu

Ingold (2000) a partir de sua proposta de uma ecologia da vida traz à baila a discussão sobre as distintas formas de produção de saberes. Aproxima o modo como seu pai lhe ensinava seus conhecimentos botânicos ao modo como os Walbiri da Austrália central compartilham seus conhecimentos com seus iniciados. Esta forma de ensino, de geração a geração, toma como base a ideia de que existem verdades imanentes a paisagem, as quais devem ser reveladas para os noviços através da observação e experiência direta. O conhecimento é compartilhado pelos mais velhos que contam histórias em contexto e mostram a paisagem e assim fornecem chaves para o significado. As verdades inerentes ao mundo são desveladas para que sejam apreendidas diretamente. Trata-se de uma educação sensorial, em que processos de aprendizagem podem ser concebidos como a aquisição progressiva de chaves para se perceber o mundo ao redor.

Para Ingold organismo e ambiente "não deve denotar um composto de duas coisas, mas uma totalidade indivisível" (2000, p. 19), essa totalidade não é uma entidade limitada, mas um processo em tempo real. Meu ambiente é o mundo como ele existe e adquire sentido em relação a mim. Além disso, o ambiente nunca é completo, por ser produto das atividades dos seres vivos que estão continuamente em construção.

Com base nisso, para Ingold o conhecimento do mundo é apreendido através do envolvimento do organismo com o ambiente, e não pela transmissão de informação, pois "a informação, em si, não é conhecimento, nem nós adquirimos mais conhecimento através da sua acumulação. Nossa cognoscibilidade consiste, antes, na capacidade de situar essas informações, e entender seu significado, no contexto de um envolvimento direto com a percepção de nossos ambientes" (Ingold, 2000). E nós desenvolvemos a capacidade, conforme o autor, por nos terem mostrado as coisas sobre as quais aprendemos.

Na ecologia da vida proposta por Ingold (2000) não há a produção de conhecimentos formais fora do contexto de aplicação prática, mas sim a construção de conhecimentos baseada em sentimento e que consistem em capacidades, sensibilidades e orientações desenvolvidos através da condução da vida num ambiente particular. Este tipo de conhecimento pode também ser chamado intuição.

Conforme o autor, devemos inverter a relação indo da experiência do mundo à razão abstrata. Seu objetivo é substituir a dicotomia natureza e cultura (ambiente/organismo) a fim de recuperar uma ecologia da vida real.

É por isso que a perspectiva soberana da razão abstrata, sobre a qual a ciência Ocidental coloca a sua reivindicação de autoridade, é praticamente inatingível: uma inteligência que foi completamente independente das condições de vida no mundo não pode entender os seus próprios pensamentos. Deste modo concluímos que apenas através da razão nós não damos conta do mundo, devendo usufruir da intuição⁴.

O autor analisa como a “intuição” também é vista como uma forma de conhecimento inferior. O entendimento intuitivo não é contrário à ciência ou à ética; nem apela para o instinto mais do que a razão, ou supostamente, para a dureza imperativa da natureza humana. Pelo contrário, repousa em habilidades perceptivas que emergem, em cada ser, através de um processo de desenvolvimento num específico ambiente histórico (Ingold, 2000, p. 25).

Viveiros de Castro (2002), através da noção de perspectivismo ameríndio aponta para uma concepção diversa de conhecimento: enquanto para a ciência ocidental conhecer é objetivar, retirar a intencionalidade e a subjetividade, para o pensamento ameríndio conhecer é subjetivar, atribuir intencionalidade. “Eis aí uma lição que a antropologia poderia aproveitar” (Viveiros de Castro, 2002: 361).

Conforme Lasmar (2009), o conhecimento extrapola as formas orais em sua construção e transmissão, podendo inclusive obter maior ênfase nos modos não-orais a depender da cultura que se observa e da fase do ciclo de vida em análise.

Todas estas teorias nos levam a reconhecer as formas nativas de construção do conhecimento entre os Capuxu. Este reconhecimento é importante uma vez que a construção do conhecimento entre este povo passa pela produção do corpo e da pessoa, já que o trabalho tem valor fundamental entre os Capuxu, sendo um importante atributo da pessoa, e para que esta característica pessoal tão valorizada esteja presente nos adultos é possível preparar o corpo das crianças, produzi-lo para o

⁴ Para Ingold, a compreensão do mundo não pode existir sem o vivido, de modo que o contato, interação com o ambiente, é a garantia para a compreensão dos modos de ser no mundo. Ele nos convida a voltar do racionalismo/intelectualismo extremo para a empiria, sendo orientados pela nossa própria intuição.

Sociedade de marcação: corpo, conhecimento e experiência na infância Capuxu

trabalho. Tudo isso visa o conhecimento ao mesmo tempo em que se realiza através dele.

A construção do conhecimento e sua relação com o ambiente

Tenho me dedicado à compreensão dos processos de construção de saberes nas sociedades camponesas, especialmente no que diz respeito às crianças, com o intuito de apreender o lugar que estas ocupam na comunidade Capuxu e lançar luz sobre a inserção delas no seio da comunidade.

Na comunidade Capuxu espaços e horários de adultos e crianças se encontram, e em quase todas as esferas da vida cultural há um espaço ou um papel a ser exercido por elas, sendo estas responsabilidades, parte constituinte da formação do adulto Capuxu.

Os conhecimentos infantis repousam também na experiência das crianças no seio da comunidade, com as atividades desenvolvidas pelo seu povo no meio em que vive, o trabalho realizado e as relações que se estabelecem entre pessoas e entre essas pessoas e o ambiente. Assim, conhecimento é experiência. Uma experiência adquirida através do contexto em que ocorre que é, em geral, abandonado pelos antropólogos, quando no sentido de tornar a vida social inteligível a antropologia deveria compreender o conhecimento em seu contexto social.

Isto nos remete a outra consideração: a necessidade de analisar o contexto emocional dos detalhes da conduta (Bateson, 1972), afinal, boa parte do conhecimento adquirido pelas crianças Capuxu não se dá pela via da oralidade ou da transmissão presente em nosso próprio sistema de aprendizagem, mas por processos sensoriais de descoberta do seu próprio ambiente, razão pela qual o lugar onde esse processo ocorre é tão importante e não pode ser descartado de toda tentativa antropológica de capturar os processos de construção do conhecimento de seu próprio mundo.

A vivência plena do lugar onde habita é condição sem a qual não se dá o processo de construção do saber, bem como a produção através do corpo da pessoa Capuxu. Desnecessário seria dizer que este processo permeia toda a vida do ser Capuxu, mas é mais forte na infância quando se constroem as primeiras referências e elos entre a criança e o ambiente, relação que se perpetuará por toda a vida.

Essa experiência de construção do conhecimento e de relação com o ambiente, que permeia toda a aquisição do conhecimento, não pode ser entendida apenas pela linguagem, ainda que esta seja um importante recurso de elaboração e exposição do conhecimento. Embora haja uma ligação entre conhecimento e linguagem, o conhecimento não é apenas codificado em sistemas lingüísticos, esta é uma lição a ser lembrada pelos antropólogos quando estes escrevem sobre conhecimento ou vida social, afinal, as regras de produção de relatos antropológicos podem limitar o que sabemos sobre outros tipos de experiência.

As crianças Capuxu possuem maneiras próprias de se apropriar e representar a comunidade com um conhecimento específico sobre o parentesco, a terra e o trabalho. Este conhecimento é incorporado, na medida em que as crianças se apropriam dele de maneiras diversas no cotidiano através de experiências sensoriais, do contato com a terra, com os bichos e com a vegetação local. São por isso, exímias conhecedoras de espécies animais e vegetais.

Este conhecimento da natureza, não se reduz apenas aos gêneros alimentícios do cotidiano, mas a um conhecimento geral de plantas, vegetações, sazonalidade, (época de rios, cheias, secas) espaços por onde podem transitar e espaços que não podem. Tudo isso torna as crianças Capuxu portadoras de uma consciência territorializada.⁵

Esta consciência territorializada é caracterizada não só pelo domínio das estações do ano, da época de determinados frutos, da utilidade de determinadas ervas e da utilização da carne e demais elementos dos animais. Ela está presente também em cantigas e brincadeiras infantis, que remetem aos animais e plantas.

Uma observação atenta da vivência da infância Capuxu revela os processos de construção do conhecimento e das habilidades infantis a partir da experiência com o ambiente. A produção da pessoa Capuxu passa inevitavelmente pela relação com o ambiente e depende necessariamente desta relação para construção de habilidades e percepções que conformam o ser Capuxu, e cuja ênfase ocorre especialmente na infância.

⁵ Suas brincadeiras são fundamentadas na territorialidade, naquilo que seu espaço físico/geográfico oferece. A prova disso é que elas estão embasadas nas estações do ano, nos rios na época da cheia se eles não são perenes, e na mata na época da seca.

Os modos de saber com o corpo: aprendizagem e trabalho

Pierre Clastres (2003) ao tratar da tortura nas sociedades primitivas demonstra como a lei ou a punição se inscreve no corpo, maneira esta mais eficaz de ser aprendida. A aprendizagem, que é uma espécie de lei do fazer e do saber, também se inscreve no corpo. Um dos aspectos da dimensão corporal é o corpo entendido como um suporte, instrumento e portador da aprendizagem humana. Ao tentar conhecer as formas de produção do conhecimento Capuxu, esbarro no corpo, mais uma vez.

Quem o diz é o corpo inscrito. O corpo do camponês, com pés e pernas aptos a desviar espinhos, pisar sobre pedregulhos, tocos, pedras e veios d'água. Pés hábeis em descobrir atalhos e o corpo marcado por todos estes sinais.

A postura é de certo treinada desde a infância para montar os cavalos, jumentos e éguas. Mesmo a criança que ainda não anda pode montar um dos animais, inclusive cabras e bodes, e manter a postura correta da montaria. O corpo é treinado desde cedo para destrezas como esta. Por isso é preciso manuseá-lo, lidar com ele, moldá-lo.

Assim é que tudo o que se vivencia aqui revela modos de saber com o corpo. O corpo mediatiza a aquisição de um saber e esse saber é inscrito no corpo (Clastres, 2003). O corpo é o espaço propício a conter o saber, as habilidades, os modos de fazer camponês. A habilidade de pés e mãos em desviar os perigos da mata. A postura correta para andar pelos cipoais, pelo matagal, atravessar arames farpados, mata-burros, e no caso das crianças, deslocar-se por cima de porteiras e cercas de madeiras; ficar de cócoras, encostar-se em animais, apoiar-se na porteira, andar por atalhos, desviar os cactos e espinhos, não pisar nas mudas, extrair da terra apenas as ervas daninhas.

Se a sociedade camponesa se apodera do corpo como instrumento de aprender ela não o faz de qualquer maneira, mas usando a própria natureza, seu habitat para treinar este corpo camponês. O corpo é uma memória. Memória de conhecimento que se obteve e destrezas que se aprenderam pela prática, pelas artes de fazer.

A sociedade camponesa imprime seus saberes nos corpos das crianças, de jovens e adultos, até a morte. Mãos calejadas, solas dos pés endurecidas, pernas com cicatrizes. Tudo isso é uma marca, uma palavra: "És um dos nossos". Isto porque produzir o corpo é também significar um

pertencimento social. O corpo Capuxu carrega as marcas de um pertencimento étnico.

Todo saber tem que estar inscrito num lugar inseparável da pessoa, e esse lugar não-separado é o corpo. O lugar que o povo Capuxu elegeu para ancorar o saber. Um lugar onde o saber torna-se inevitavelmente o fazer. Os Capuxu acreditam que não se aprende através de explicações teóricas sobre tudo, mas apenas com a domesticação do corpo, como saber-fazer, se aprende fazendo. Afinal não é fácil aprender com os olhos, decodificar a labuta na terra através do olhar. É preciso decodificá-la com o corpo, mãos e pés, braços e pernas, com o tórax e a cabeça, com tudo o que está em volta do umbigo.

O umbigo que é a ponte entre o corpo da criança e a mãe, entre a criança e a comunidade de sangue, de parentesco. O umbigo que enterrado vincula a criança à terra, ao Sítio Santana-Queimadas e reforça a identidade Capuxu, tornando-a uma identidade também enraizada, aterrada⁶. O umbigo, pedaço do corpo que através de processos de fabricação que o envolvem, pela natureza e pelos homens, fará da criança um Capuxu.

Quem primeiro fala do conhecimento Capuxu, da capacidade de um deles em lidar com a terra, sua habilidade com bichos e animais, em atividades do roçado ou domésticas, é o corpo. Mãos ásperas, pernas cicatrizadas, cinzentas e rabiscadas da relva e de seus cipós. Braços e pernas fortes, músculos tonificados, pele queimada e cabelos desbotados do sol. Sabe-se de antemão que se trata de alguém dado ao trabalho. A marca igual sobre todos os corpos iguala, não permite a divisão. Todo Capuxu tem um corpo fabricado *pelo* e *para* o trabalho, marcado por ele.

D. Leda, a benzedeira, segurou minha mão e deslizou a ponta do indicador pela palma, passou suas mãos calejadas sobre o dorso de minhas mãos e por fim, reparou em minhas unhas. O meu corpo não é dado ao trabalho, ela descobriu. Mãos que não lavam roupas, não seguram enxadas, não varrem terreiros. “Essas mãos aqui só seguram lápis”, e sorriu.

Ela também foi capaz de dizer pelo meu andar que eu não pari. O meu corpo tudo denuncia num lugar onde tudo passa pelo corpo. Onde produzir o corpo é também demarcar um pertencimento social, reconhecê-

⁶ Em outra oportunidade analisei o ritual de enterro do umbigo das crianças como forma de produzir o corpo, a pessoa e perpetuar a identidade Capuxu (Sousa 2014).

Sociedade de marcação: corpo, conhecimento e experiência na infância Capuxu

lo, decodificá-lo e dizer “és um dos nossos e não podes esquecer disso”: o teu sobrenome te revela, o teu corpo te denuncia. Eu não sou, mas D. Leda sorriu. Eu sou aceita entre eles, como uma filha, porque por eles me interessa e nada agrada mais ao povo Capuxu do que falar de si mesmo. Seja através das palavras, seja através do corpo.

Uma observação atenta aos corpos das crianças me revelou os sinais, as marcas e cicatrizes causadas pelo trabalho e a vida no campo. Pernas acinzentadas e sempre riscadas pelos arbustos e gravetos que se impõem pelos atalhos. Se caminhassem apenas pelas estradas, amplas e limpas de qualquer vegetação, não teriam as crianças estas pernas tão riscadas, mas os atalhos pelo roçado são sempre os favoritos. Muitas cicatrizes nas mãos, de queimaduras e mordidas ou bicadas de animais domésticos como gatos, cachorros e galinhas. Joelhos cicatrizados das quedas de porteiras, calçadas, pés de frutas e de animais de montaria. Corpos com sinais de picadas de insetos. Unhas dos pés sempre com terra e mãos levemente calejadas. É a vida no campo e o trabalho na roça que se impõe, se inscrevendo e marcando o corpo.

Por isso a comunidade Capuxu é também uma sociedade da marcação, nos termos de Clastres (2003), onde a condição camponesa se inscreve no e através do corpo, se utilizando de um espaço não-separado da pessoa para se inscrever. Ela marca o corpo de seus membros desde a infância com cicatrizes, manchas e toda sorte de sinais que revelam que seus pés percorrem os campos, suas mãos trabalham com a terra, seus braços domam animais, suas pernas suportam o peso da labuta. Um corpo marcado pelas experiências com a vida agrícola e com a vida doméstica que demanda também corpos disciplinados.

Também a alimentação diz respeito a modos de produzir o corpo e a pessoa. Há alimentos que são fundamentais para a produção do corpo forte, saudável, disposto. Elementos extraídos da terra. Outros são objetos de interdição a depender da faixa etária, dos horários e da condição corporal de cada sujeito.⁷

⁷ Sobre a relação entre a alimentação e a aprendizagem Cohn (2000) observou entre os Xikrin que as crianças não devem comer a cabeça do peixe sob pena de ter a audição (o ouvido) prejudicado e não conseguir aprender/saber/entender algo. Isto porque o ouvido é fundamental para os Xikrin no que diz respeito ao conhecimento. As crianças sabem tudo porque ouvem tudo. Para os adultos, comer a cabeça de qualquer caça dificulta o aprendizado. Por isso, os Xikrin manuseiam

Por isso a produção do corpo requer conhecimento e domínio corporal. É isto que está em voga no aprender a sentar, andar, nadar, etc. Quando a criança começa a se sentar as mães colocam-na num canto da parede da sala com um tamborete (banquinho) à sua frente e uma fralda amarrada nele para que ela não bata o queixo. A fralda amarrada apertada fará com que ela permaneça sentada com a postura ereta. Como o bebê é considerado molinho, até seis ou sete meses, a postura pode ser moldada de modo que ele terá uma “coluna boa”. Antes mesmo que ande é possível levá-lo a qualquer lugar montado em algum animal se o bebê já se senta.

Para aprender a andar é possível fazê-lo amarrando uma cordinha, fralda ou tecido qualquer nas mãozinhas e levá-lo, passo a passo. Também é possível manter alguém atrás o apoiando para que não caia e alguém a frente a lhe mostrar um brinquedo ou objeto colorido que lhe interesse. Assim a criança deve treinar os primeiros passos.

Os animais também são fundamentais para ensinar as crianças a levantar do chão e ensaiar os primeiros passinhos. Se ainda não tem força suficiente para erguer-se sozinho, nem equilíbrio, o bebê Capuxu lançará mão do cachorro e se apoiará nele para levantar-se. Apalpando o seu corpo dará voltas em torno dele, ora se desequilibrando, ora se segurando com muito custo em qualquer parte do corpo do animal⁸. Deste momento de aprendizagem nascerá uma das mais fortes relações do povo Capuxu: entre as pessoas e seus animais.

Para aprender a nadar as crianças se utilizam de troncos de bananeiras, sempre em companhia de adultos. Assim podem se segurar nos troncos e bater os pés enquanto atravessam açudes ou nadam pelo rio. O tronco de bananeira funciona a guisa de bóia, não permitindo que afundem. As crianças nadam muitas vezes assim, aprendendo a bater os pés, só em seguida eles passam a movimentar os braços podendo abandonar o tronco.

artefatos como a pena de um pássaro nos ouvidos e na boca das crianças que não consigam falar com desenvoltura. Eles tratam do ouvido e da boca como essenciais para a aprendizagem e por isso lhe conferem grande importância.

⁸ Evans-Pritchard (2002) observou entre os Nuer que “logo que as crianças estão engatinhando elas travam um contato íntimo com os rebanhos de cabras e vacas. O kraal é o lugar onde brincam e normalmente elas estão lambuzadas de esterco, no qual rolam e pulam. Bezerros, carneiros e cabritos são seus companheiros de jogos, e elas os puxam e se esparramam em meio a eles (Evans-Pritchard, 2002, p. 48).

Sociedade de marcação: corpo, conhecimento e experiência na infância Capuxu

Também requer técnica à caça das rolinhas, um pássaro muito comum utilizado como mistura nas refeições. As crianças caçam rolinhas munidas de suas balinheiras (estilingues) com pequenas pedras, também através de armadilhas como arapucas confeccionadas por elas e seus pais e colocadas pela mata. Para usar o estilingue é preciso ter boa pontaria, saber posicionar-se silenciosamente para não espantar o pássaro e acertá-lo em cheio. Trazer uma rolinha para casa, para assar e comer no almoço é algo do que se podem orgulhar as crianças e seus pais. Quando adultos poderão caçá-las a base de espingardas, como o fazem seus pais.

Deste modo, pouco a pouco o corpo da criança Capuxu vai sendo moldado e incorporando aprendizados diversos, desde aqueles considerados básicos até a aprendizagem escolar e não escolar, ou para o trabalho. O fato é que o corpo da criança está em constante processo de construção para adquirir as habilidades que o modo de vida exige da pessoa Capuxu. Para sobreviver no campo, para resistir às intempéries, para ser capaz de produzir o seu alimento, de cuidar da terra, de tratar dos animais, de se reproduzir material e simbolicamente. E tudo isso depende do corpo, principal instrumento de construção da pessoa Capuxu.

O trabalho agrícola e as atividades domésticas infantis na produção do corpo e da pessoa Capuxu

No caso das sociedades camponesas o trabalho é de grande valor moral. Por isso digo que sua função, ao ser ensinado ou experimentado pelas crianças, visa não apenas um preparo físico, mas uma introjeção de valores como honestidade e disciplina. Mesmo no caso de comunidades como a Capuxu, onde o corpo está no cerne das representações da pessoa, ele é manipulado com fins não apenas da preparação física das crianças, mas com o intuito de inculcar nestas o maior valor moral da comunidade: o trabalho.

Através de uma análise minuciosa das habilidades corporais para desenvolver o trabalho agrícola e as tarefas domésticas atribuídas às crianças e para agregar a estas técnicas corporais uma aprendizagem (não-escolar), penso que a produção do corpo e da pessoa Capuxu está permeada pela aprendizagem, a ludicidade e o trabalho, características gerais da infância Capuxu.

Assim como são retirados da terra, do roçado e da lida agrícola os principais alimentos que compõem a dieta alimentar Capuxu, cujo teor

deverá formar crianças, jovens e adultos, saudáveis, corajosos, dispostos e vigorosos para o trabalho de sol a sol, também advém da aprendizagem da lida com a terra as técnicas corporais que transformarão a criança Capuxu no adulto que a comunidade deseja⁹.

Logo, ao tratar da produção do corpo e da pessoa Capuxu por meio de uma análise da infância devemos atentar para a identidade que se estabelece entre este povo e a terra, o conhecimento ou *know-how* para lidar com a terra e com tudo o que está relacionado a ela, bem como a produção de alimentos e a comensalidade (ou modos de comer). Estes elementos compõem o rol de critérios para a preparação do corpo e da pessoa Capuxu¹⁰.

A aprendizagem agrícola pautada em conhecimentos e técnicas que fundamentam as pedagogias nativas configura uma série de técnicas corporais que transformarão o corpo da criança Capuxu. Este corpo tido como frágil ao nascer deverá se submeter a uma série de procedimentos de incorporação de hábitos, técnicas e estratégias para que a criança se torne o

⁹ Conforme Woortmann e Woortmann (1997) no modo de vida camponês o trabalho está relacionado com a terra, com a autoridade do pai e com o sustento da família, além, de não haver separação entre a terra, o trabalho e a educação de seus filhos. A família utiliza o trabalho das crianças, pois este é visto como uma ajuda e como uma forma de educação, garantindo assim sua formação e preparação para lidar com o modo de vida rural. Desta forma, a infância está associada à formação do trabalhador que se concretiza por meio da ajuda, momento de aprendizado e preparo para a reprodução da sua condição de vida. Uma socialização que está interligada pela aprendizagem e conhecimento das técnicas, constituindo assim uma maneira das crianças internalizarem as normas sociais e morais do grupo que participam, preparando-as para o futuro.

¹⁰ De acordo com Heredia (1988), os roçados significam um processo de socialização dos membros da unidade familiar. Essa socialização refere-se tanto à aprendizagem e adestramento das técnicas, como à formação de comportamentos adequados ao trabalho agrícola. Constitui também uma forma de internalização das normas do grupo, preparando-os fundamentalmente para a unidade que cada um deles constituirá no futuro. O roçado funciona com o trabalho de todos, garante as necessidades básicas da família. Já os roçadinhos, cuidados pelos filhos, cumpre o papel do aprendizado das técnicas de cultivo e onde acontece de forma prática essa socialização. Portanto, o roçadinho representa uma forma de treinamento no trabalho agrícola, sendo um processo de aprendizagem deste trabalho que é efetuado sob a orientação e com a contribuição do pai.

Sociedade de marcação: corpo, conhecimento e experiência na infância Capuxu

adulto camponês cujo corpo resiste fortemente ao trabalho sob o sol a pino, às grandes estiagens, às acomodações precárias, aos inusitados banhos de chuva, ao contato físico constante com a terra e os animais, e cuja disciplina lhe garante a destreza para caminhar longos percursos com pés calçados ou não, e a habilidade para desviar os obstáculos que se ponham em seu caminho.

A aprendizagem não escolar ou agrícola, não se restringe apenas ao léxico camponês, a conhecer ferramentas e instrumentos, sementes e plantas, aves e animais diversos, a não ser nos primeiros anos de vida da criança cujo trabalho se resume a isto e a outros pequenos mandados, como levar a água potável, a comida ou algum instrumento esquecido ao roçado¹¹. Ainda assim, se tem uma oportunidade, a criança Capuxu treinará, ao menor descuido de seus pais ou irmãos mais velhos, os primeiros contatos com a enxada, a alavanca, a pá, ou qualquer outro instrumento que se deixe esquecido por alguns minutos.

Mas esta aprendizagem consiste, sobretudo, em preparar o corpo para a árdua lida de limpar, plantar e colher, sucessiva e incansavelmente. Pois que toda criança camponesa sabe que a vida é caracterizada pela incessante repetição dos três ciclos agrícolas e nunca se plantou o suficiente para que se possa viver simplesmente a colher. Por isso é preciso sempre, recomeçar.

Logo, faz-se necessário conhecer as três fases do ciclo agrícola e dominá-las. Ser capaz de limpar a terra o suficiente para que esta receba a semente, plantar de maneira organizada e planejada e colher de maneira paciente e sábia. Se estas técnicas lhe são passadas no roçado pelos pais que

¹¹ Garcia Jr. (1983) ao analisar as relações no interior da unidade de produção familiar em Pernambuco, observa que, mesmo existindo uma hierarquia masculina responsável pelo sustento da família, o trabalho de todos os membros da família é requisitado constantemente no roçado, de onde provém o alimento para o consumo. Neste local, o trabalho das crianças é considerado ajuda ao pai, o qual determina a necessidade de solidariedade dos filhos. Ajuda que também é requisitada pelos espaços de responsabilidade da mãe. Na compreensão do autor, o roçado constitui o ambiente de socialização das crianças, onde, a partir dos 10 anos, já podem assumir responsabilidades sobre as atividades agrícolas e botar seu próprio roçadinho. Desta forma, a infância está associada à formação do trabalhador que se concretiza por meio da ajuda, momento de aprendizado e preparo para a reprodução da condição de vida.

as aprenderam de seus próprios pais, não há outra maneira de aprendê-las se não pela in(corpo)ração delas, com o uso do corpo, o treinamento e a disciplina aprendidos por meio da execução e da repetição de cada uma destas tarefas.

Por conta disso é preciso ter um corpo orientado e produzido para suportar o peso da enxada, mas também cujas mãos sejam capazes da delicadeza no cuidado com a semente. Um corpo produzido no roçado e para o roçado. Neste sentido, o roçado é um espaço privilegiado para a construção do corpo já que lá a criança se prepara para herdar a terra e o trabalho e perpetuar o *ethos* Capuxu.

O manuseio dos instrumentos, a manipulação da terra e a capacidade de fazer brotar aquilo que se planta depende do conhecimento dos ventos e da chuva, da terra e dos bichos em geral. Mas depende, outrossim, do treinamento correto do corpo, em sua postura, em seus membros. Da força que o corpo possui, da destreza e da habilidade.

Tudo isso se adquire desde nenê, se a criança se permite caminhar pela terra de pés descalços e seus pés sofrem as dores dos primeiros espinhos a lhe furar as solas. Também se aprende desviando de cercas de arame farpado, sendo capaz de subir em porteiras ou de abri-las e fechá-las, de atravessar a passagem molhada a nado, de ter autoridade para tanger os animais e ser capaz de fazê-los seguir os trajetos determinados pelos homens.

Em toda ação do trabalho Capuxu há uma comunhão entre o desejo de Deus e as atitudes dos homens. A Deus cabe a chuva que molha a terra e o sol que a seca; aos homens cabe preparar a terra, lançar a semente, colher o fruto. Tratar dos animais e utilizar-se deles. Retirar da terra o necessário para a restauração da força gasta durante o dia, a força que brota do corpo através dos alimentos que ele consome. Todo o ciclo começa então na terra, onde são enterrados os umbigos das crianças Capuxu, passa por ela quando a dieta alimentar advém de raízes e tubérculos, de frutas e legumes produzidos lá mesmo, e se encerra na terra onde serão enterrados os seus corpos.

Também a aprendizagem passa pela terra. A infância é o momento de iniciar o processo de produção do corpo forte, hábil, vigoroso. Que limpará a terra e lançará a semente. Por isso, desde tenra idade as crianças começam a serem treinadas para assumirem sua parcela de responsabilidade ante a

Sociedade de marcação: corpo, conhecimento e experiência na infância Capuxu

produção dos alimentos e o cuidado com os animais, o cuidado com a casa e com tudo aquilo que diga respeito à família¹².

Nenhuma ação é desorientada. Toda aprendizagem é transmitida e supervisionada. O processo é lento, tendo início na primeira infância e percorrendo toda a vida. O povo Capuxu entende que sem trabalhar o corpo através da lida agrícola, as crianças se tornarão adultos frágeis cuja resistência física será insuficiente para a sobrevivência e a permanência na comunidade¹³.

Por isso há modos de se limpar a terra, plantar e colher. Há conhecimentos sobre o vento, as chuvas e a seca. Sobre pássaros, insetos e toda sorte de animais. Estes conhecimentos em sua forma geral produzem o corpo e a pessoa Capuxu. Um ser dotado de intensa força e capaz de dominar a terra, as plantas e os animais.

Tudo na vida camponesa há de ser aprendido: limpa, plantio e colheita. É preciso na limpa proceder a coivara, juntar gravetos, puxar o mato, tocar fogo sem provocar incêndios, controlar o fogo, esperar a terra esfriar. É preciso lançar a semente, com a distância certa, em fileiras organizadas, a depender do espaço que se tem e da planta que nascerá. Por

¹² Lia Fukui (1979), ao analisar as relações de parentesco e família entre os sítiantes tradicionais do interior de São Paulo e do Sertão da Bahia, a partir de um olhar externo sob a divisão das tarefas na roça, identifica a organização no interior da unidade familiar, pautada na relação de trabalho e reprodução social ao ritmo tradicional da roça. Na organização para o trabalho, as crianças assumem um papel de ajuda, ao mesmo tempo em que esta consiste em uma forma de aprendizado do valor do trabalho. Desde os quatro anos, as crianças iniciam seu processo de aprendizagem e de ajuda à família, sendo que a atribuição das tarefas varia de acordo com o grau de força e de aprendizado. Por volta dos nove anos, a criança tem condições de assumir responsabilidades e atuar em todas as tarefas, com condições iguais ao adulto. "Aos 13, 14 anos, espera-se dos jovens um comportamento realmente de adulto" (Fukui, 1979, p.154).

¹³ Cândido (2003) estudou o modo de vida de um agrupamento de caipiras no município de Bofete (SP), nos anos de 1948 e 1954, fornecendo elementos sobre os processos de socialização da infância no meio rural. Nessa comunidade, desde pequenos, os filhos, ao acompanharem os pais, se familiarizavam com a experiência acumulada sobre as técnicas agrícolas e artesanais, o trato dos animais e os serviços domésticos. Assim, o trabalho da criança, além de representar uma ajuda para garantir o sustento da unidade familiar, era reconhecido como momento de formação e preparação para a reprodução do modo de vida caipira.

fim, pés que juntam a terra fechando a cova que fora aberta com instrumentos. E esperar o tempo de colher. É preciso saber, conhecer e aprender.

Por isso diz-se que, em se tratando da vida camponesa, o trabalho e a aprendizagem estão em tudo. Tudo aquilo que torna a pessoa Capuxu é perpassado pelo trabalho e pela aprendizagem para o trabalho. E o cotidiano camponês é fortemente marcado pelo trabalho. Da hora em que se levanta – em geral muito cedo – até a hora em que se dorme, quase todo o tempo do dia é despendido em algum trabalho. O trabalho é a força motriz da vida camponesa, sua rotina e seu sentido. Dou-me conta disso cada vez que pretendo analisar qualquer elemento da rotina das crianças Capuxu, também orientada pelo trabalho.

Mas para trabalhar é preciso saber, conhecer. Logo, trabalho e conhecimento dizem respeito praticamente a mesma coisa e pertencem a mesma dimensão da vida no sertão. Se a criança detém as técnicas corporais necessárias para o trabalho é porque ela sabe-fazer, detém o *know-how*. Estes atributos lhe tornam na infância um Capuxu, e se é Capuxu é detentora da identidade. Por isso, corpo, pessoa e identidade Capuxu estão em diálogo.

Para viver em Santana-Queimadas, ser portador da identidade Capuxu e do *ethos* camponês é preciso, pois, desde criança saber alimentar os animais, dominar as técnicas para dar milho às galinhas. Eu por exemplo, por não possuí-las, fracasso na maioria das atividades que tento desenvolver e termino por espantar as galinhas quando jogo o milho. Também para a entonação da voz que se comunica com as galinhas, no seu ti-ti-ti e com o gado, num “êeee boi, êeeee” não tenho competência. O medo que sinto do gado fica evidente e eles pouco me obedecem. Para “prender os bichos” ou guiá-los até o curral é preciso ter autoridade, uma autoridade que aparece na postura, na mão erguida, no peito estufado, e na entonação da voz. Em tudo sou inábil, pois não domino as técnicas.

O mesmo ocorre na hora de dar banho no cachorro ou gato. No cavalo ou égua. É preciso coragem, autoridade e determinação. Ter pulso firme, numa palavra, dominar o animal. Também a ordenha é uma tarefa difícil e delicada, ao passo que exige coragem, e paciência. É necessário amarrar o bezerro através de uma corda na perna direita da vaca, de modo que sua boca quase toque o peito. Isto acalmará a vaca, e lhe dará a impressão de que o leite é para o bezerro. Em seguida, senta-se num

Sociedade de marcação: corpo, conhecimento e experiência na infância Capuxu

pequeno banquinho, perto do bezerro e dá início a ordenha. Há um modo correto de massagear o peito da vaca, para em seguida proceder a ordenha¹⁴.

O contato com o estrume, as fezes do animal, o cheiro forte e os berros estridentes vez por outra emitidos pelo bezerro provocam em mim certa tensão, para o deleite das crianças que sorriem em gargalhadas das minhas incapacidades. O meu corpo, embora tenha crescido no campo, não domina as técnicas que o corpo Capuxu detém. Sou inábil para o trabalho e a vida no campo, sendo adulta não consigo concorrer com as crianças Capuxu que tudo fazem melhor do que eu.

Toda a cosmologia do povo e toda visão que se faz de si mesmo e dos outros é circunscrita pela crença de que o trabalho e a aprendizagem estão em tudo. E de que, se não se pode produzir um corpo saudável e capaz de lidar com a terra e suas plantas, a vida no campo e seus bichos, não se produz pessoas, mas animais, afinal o que diferencia uma pessoa de um animal é a capacidade para o trabalho - embora parte destes animais desenvolva alguma espécie de trabalho.

Afora o trabalho no roçado orientado pela dinâmica dos ciclos agrícolas, é preciso dominar os animais. Dedinhos que aprendem a ordenhar nas pequenas cabras ou que jogam os milhos para as galinhas ao som de um ti-ti-ti, mãozinhas que tangem as galinhas para o poleiro e intenta contá-las, mãos capazes de levar o jumento arrastando-o pela cordinha sempre à frente e amarrá-lo a qualquer árvore. Mas não apenas dominá-los, a comunidade Capuxu requer das crianças que cuidem deles: mãos capazes de proceder o curativo - spray de rifocina sobre a orelha machucada do cão, ou a patinha, e um esparadrapo se um corte o abriu a pele e o pêlo, pela barriga ou em um dos seus membros.

Muitas tarefas pertencem exclusivamente às crianças. São elas que disciplinarão o corpo e o domesticarão para a vida e a labuta no campo. Todas estas atividades, ou todo o trabalho-aprendizagem, moldam o corpo da criança tornando-a pessoa Capuxu. No entanto devemos esclarecer que não se trata aqui apenas de preparar a criança para o futuro, numa espécie

¹⁴ Evans-Pritchard observou sobre os Nuer que “as primeiras tarefas da infância dizem respeito ao gado. Crianças muito pequenas seguram as ovelhas e cabras enquanto as mães ordenham; e quando as mães ordenham vacas as crianças carregam as cabaças, puxam os bezerros para longe dos ubres e amarram-nos em frente das vacas (Evans-Pritchard, 2002, p: 48).

de noção de infância atrelada a um devir, um vir-a-ser, sem significado nela mesma. Não se trata de um aprender para o futuro, mas se trata, sobretudo, de participar para aprender, para saber-fazer, agora, e ser aceito pelas demais crianças e por toda a comunidade, e no futuro, assumir a terra, a propriedade e perpetuar a identidade Capuxu.

Estas tarefas essencialmente infantis, como colocar água na bacia para a mãe que lava roupa, desligar ou ligar o poço que libera a água, colocar água e comida para os animais domésticos, varrer terreiros, tanger os bichos para o curral ou para fora do monturo, contar as galinhas no poleiro, procurar os ovos perdidos pelo matagal, dentre outras, compõem as atividades que prepararam o corpo da criança Capuxu para assumir cada vez mais um número maior de tarefas, em quantidade e em importância. Todas elas desenham as formas do corpo Capuxu como o deseja a comunidade.

Também para tarefas essencialmente femininas existem técnicas: para lavar roupas de cócoras às margens do açude, para varrer o terreiro com uma vassoura feita das palhas retiradas do matagal, permanecendo abaixada por muito tempo até que a tarefa esteja concluída; para cortar a lenha para o fogo do almoço; para carregar a lata d'água na cabeça sem que seja preciso segurá-la, - e por incrível que pareça, aquele cuidado com a água no depósito termina por forjar um andar gracioso; para voltar do açude a criança mais velha trazendo o irmão menor escanchado no quadril de um lado, uma trouxa de roupas sobre a cabeça e uma lata d'água pendurada em uma das mãos.

Afinal, a pessoa Capuxu, além de protegida pelos santos e os benzimentos das rezadeiras do lugar, portadora de um nome herdado na genealogia local, apadrinhada por humanos e santos, detentora de uma forte relação com a natureza e o sobrenatural é também portadora de um corpo cujas habilidades lhe permitem sobreviver sob o sol causticante, à estiagem e às intempéries da natureza.

E seu corpo, pouco ereto é capaz de escapar às folhas urticantes, aos espinhos, aos gravetos estalados em lanças, aos cipós que o envolvem, às plantas rasteiras que enlaçam seus pés, à poeira que lhe reveste os pés e lhe sobe à face provocada por qualquer animal que passe a galope. Tudo isso porque a caatinga se impõe, tenaz e inflexível, como o disse Euclides da Cunha (2002).

Sociedade de marcação: corpo, conhecimento e experiência na infância Capuxu

Há um paradoxo corporal notório entre o povo Capuxu como em qualquer outro corpo dos seres que habitam os sertões. Sua aparência é de corpo frágil, postura desengonçada, membros desarticulados. Aquele que, antes de qualquer coisa, acocora-se. É o corpo permanentemente fatigado. O seu caminhar não traça trajetória retilínea e firme, mas se caracteriza pelo gingado apreendido pelos traços geométricos das trilhas sertanejas em que é preciso desviar do toco, abaixar-se dos cipós e arbustos, erguer os pés sobre a relva alta.

O sertanejo é treinado através da vida no campo para sobreviver ao inóspito. Por isso torna-se, antes de tudo, forte. Assim é que o corpo se transforma se chega a notícia da vaca caída na estrada, exaurida de fome e sede, e o sertanejo abandona a rede que lhe acolhia o corpo quente ou o chão frio de cimento da sala e põe-se rapidamente de pé, ágil e veloz, a caminho do animal. A apatia abandona o corpo e a força o ocupa. Assim o é se monta o cavalo em disparada em busca da novilha que se perdeu, se descobre próximo aos seus pés uma cobra peçonhenta e se dedica a matá-la, quando tem que cortar a lenha e seu corpo assume uma postura ereta, de braços e troncos fortes a erguer e baixar a foice sobre as toras de madeira.

Mas, se chega o entardecer e o final da labuta daquele dia, permite-se caminhar em desalinho para casa, passos lentos, cabisbaixo, pés que quase se arrastam, um cigarro aceso no canto da boca, a mão que acena lentamente erguida aos conhecidos pela estrada. É o corpo que se abandona a si mesmo. Sem esforço, sem guerra, em momentos de trégua.

É este o paradoxo do corpo camponês. Do adulto e da criança que é também capaz de girar ao ritmo de uma ciranda que levanta poeira sob os mais de 40 graus do sertão ao meio-dia. É capaz de correr para encontrar um amiguinho de pés descalços na terra quente. De acompanhar seu cachorro em corridas pelo matagal fechado numa velocidade inacreditável para o calor que nos enfraquece os membros. De deitar-se na relva seca, de amarelo à cinza, em companhia de seu gatuno, com o corpo sendo pinicado pelos gravetos e mosquitos sem ao menos se queixar.

Mas esta mesma criança caminha em desalinho pelas largas estradas arrastando um caminhãozinho pachorrento por uma cordinha, ou seu velho cão. Permite-se sentar nos batentes da casa apenas em companhia dos bichos enquanto brinca manuseando pedaços de pau, pedrinhas, pequenos brinquedos surrados, quebrados, envelhecidos. Deita-se sobre o

chão frio de cimento da sala ou cozinha, para brincar com seus brinquedos sucateados ou artesanais, para rolar com seu cão ou gato, ou para assistir a TV. A produção do seu corpo também é marcada pela vitalidade, a energia e o vigor do camponês, pela “coragem” enquanto não-preguiça, mas também segue a regra do corpo que desaba e se abandona no final do dia, quando adormecem as crianças em qualquer canto da casa enfadadas do corre-corre do dia, em seus trabalhos e suas brincadeiras.

O corpo da criança é produzido desde os primeiros passinhos, as primeiras saídas de casa nos braços de alguém, sob sol a pino, com fraldas de pano amarradas sobre a cabeça como o fazem as lavadeiras de roupas. Acostumada ao inóspito, a criança continua tendo o seu corpo treinado à cada ida ao roçado, a cada tarefa que executa no âmbito da roça ou da casa, entre terreiros, monturos ou quintais. Entre lajedos, trilhas e cipoais.

Mesmo que sua tarefa seja a de carregar um instrumento, tanger as galinhas que invadem a cozinha, banhar e alimentar gatos e cachorros, localizar a cabra ou bode que perdido entre o mato emite um som estridente e trazê-lo de volta, levar um recado à casa de um compadre, acompanhar a procissão, percorrer as novenas de maio a cada casa, ou ligeira e habilmente roubar um santo da casa de alguém para garantir as chuvas daquele ano.

Todas as tarefas das crianças desenvolvidas desde tenra idade, e cujo nível de dificuldade se transformam com o tempo, disciplinam seus corpos configurando-o nos moldes da pessoa Capuxu. Assim, o trabalho e aprendizagem agrícola (ou para o trabalho) cumprem o papel de produzir o corpo e fabricar a pessoa Capuxu. Um adulto que não tenha se submetido a estes processos de fabricação do corpo sertanejo e camponês na infância não possuirá os atributos necessários para ser considerado um Capuxu.

Numa das minhas estadias presenciei o conserto da cerca de arame farpado. O arame havia se rompido e deixado uma lacuna entre madeiras por onde passaria a produção animal de Eugênio. Para evitar perdas e prejuízos Eugênio dedicou-se ao conserto da cerca em companhia de seu filho Eudvan. Com cautela, desenrolaram rolos de arame farpado, esticaram e prenderam nas estacas de madeira. Daquela experiência onde funcionava como uma espécie de ajudante por ter apenas cinco anos, Eudvan certamente levará o conhecimento necessário para a vida adulta, quando terá um dia que consertar sua própria cerca sozinho ou em companhia de um filho.

Sociedade de marcação: corpo, conhecimento e experiência na infância Capuxu

Também o corte da palma consta de um trabalho-aprendizado valioso. Nos tempos de estiagem como destes anos em que desenvolvi a pesquisa, a palma é o que alimenta o gado, devido a falta de pasto provocada pela ausência das chuvas. O corte da palma, áspera e cheia de espinhos, exige luvas, destreza e cautela. Uma técnica que disciplina a postura, o modo de segurar a palma, os golpes de falcão nos lugares certo, para que se desenvolva o trabalho sem cortes ou demais acidentes. Tudo isso é feito pelos pais sob o olhar atento das crianças, esta é uma das poucas tarefas que só passa a ser desenvolvida pelas crianças a partir de certa idade, quando já estão treinadas suas habilidades.

Apenas o trabalho ou a aprendizagem para o trabalho realizados no roçado ou na casa e em seus arredores podem disciplinar e treinar o corpo da criança Capuxu na resistência e resiliência necessárias para a vida no sertão, sobrevivendo às intempéries do tempo e aos percalços da vida rural.

Nestes termos é que o trabalho desenvolvido pelas crianças assume um caráter essencialmente socializador, mecanismo através do qual se insere a criança no seio da comunidade e prepara seu corpo para herdar e assumir a propriedade e o trabalho agrícola perpetuando a identidade e a condição camponesa do ser Capuxu.

Referências bibliográficas

BARTH, Fredrik. *Ritual and Knowledge among the Baktaman of New Guinea*. New Haven: Yale University Press, 1975.

_____. *Cosmologies in the making*. Cambridge University Press, 1987.

_____. "Other knowledge and other ways of knowing" In *Journal of Anthropological Research*, vol.51, 1995, p.65-68.

_____. *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Tomke Lask. (Org.) Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BATESON, Gregory. *Steps to an ecology of mind: collected essays in anthropology, psychiatry, evolution and epistemology*. Londres, 1972.

CÂNDIDO, Antônio. *Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 10ed. São Paulo: Editora 34, 2003.

CLASTRES, Pierre. *A Sociedade contra o Estado: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

- COHEN, Emma. "Anthropology of knowledge". In: *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 16(1):193-202, 2010.
- COHN, Clarice. Crescendo como um Xikrin: uma análise da infância e do desenvolvimento infantil entre os Kayapó-Xikrin do Bacajá. In: *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, vol.43, n° 2, pp. 195-222, 2000.
- CUNHA, Euclides da. Os Sertões. In SANTIAGO, Silviano. *Intérpretes do Brasil: volume 1*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2a ed., 1994.
- ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. 2000. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer*. São Paulo: Editora Perspectiva (Coleção Estudos), 2002.
- FUKUI Lia. F. G. *Sertão e Bairro Rural: Parentesco e Família entre Sitiantes Tradicionais*. São Paulo, Editora Ática, 1979.
- HEREDIA, Beatriz M. Alásia de. *A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- INGOLD, Tim. "Culture, Nature, Environment: Steps to an Ecology of Life", In: *The Perception of the Environment: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill*, London: Routledge, pp. 13-26/420-421, 2000.
- LASMAR, Cristiane. Conhecer para transformar: os índios do rio Uaupés (Alto Rio Negro) e a educação escolar. *Tellus*, ano 9, n. 16, p. 11-33, jan./jun., 2009.
- MAUSS, Marcel. (1969). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- SOUSA, Emilene Leite de. *Umbigos enterrados: corpo, pessoa e identidade Capuxu através da infância*. Tese de doutorado em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC, Florianópolis, SC, 2014.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e Multinaturalismo na América indígena. In: *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- WOORTMANN, E.; WOORTMANN, K.; *O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: Ed. UNB, 1997.